

Literatura e realidade social em *Quarup* (1967) de Antonio Callado

José Carlos Freire¹

Literature and social reality in Quarup (1967) by Antonio Callado

Literatura y realidad social en Quarup (1967) de Antonio Callado

Resumo

O artigo discute a importância de *Quarup* (1967), de Antonio Callado, tomado como romance representativo das contradições presentes na sociedade brasileira na década de 1960, sobretudo a partir do golpe de 1964. Além de situar os traços fundamentais de *Quarup*, o texto propõe sua articulação com outros romances do autor sobre a ditadura: *Bar Don Juan* (1971), *Reflexos do baile* (1976) e *Sempreviva* (1981). Tal articulação permite compreender o final do romance de 1967 como um sinal de diminuição da expectativa de revolução. Por outro lado, se enfatizarmos exclusivamente o contexto da década de 1960, *Quarup* pode ser lido como índice da necessária radicalização política diante do horizonte de encurtamento das possibilidades de transformações democráticas.

Palavras-chave: *Literatura; Quarup; Realidade social.*

Abstract

The article discusses the importance of *Quarup* (1967) by Antonio Callado, taken as a representative novel of the contradictions present in Brazilian society in the 1960s, especially after the 1964 coup. After locating *Quarup*'s fundamental traits, the text proposes its articulation with other novels by the

¹ Professor no Departamento de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), campus de Teófilo Otoni/MG. Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: freire.jose@ufvjm.edu.br

author about the dictatorship: *Bar Don Juan* (1971), *Reflexos do baile* (1976) and *Sempreviva* (1981). Such articulation allows us to understand the end of the 1967 novel as a sign of diminishing expectations of revolution. On the other hand, if we exclusively emphasize the context of the 1960s, *Quarup* can be read as an index of the necessary political radicalization in the face of the horizon of reduction of possibilities of democratic transformations.

Keywords: *Literature; Quarup; Social reality.*

Resumen

El artículo discute la importancia de *Quarup* (1967) de Antonio Callado, tomada como novela representativa de las condiciones presentes en la sociedad brasileña en la década de 1960, especialmente después del golpe de 1964. Luego de ubicar los rasgos fundamentales de *Quarup*, el texto propone su articulación con otras novelas del autor sobre la dictadura: *Bar Don Juan* (1971), *Reflexos do baile* (1976) y *Sempreviva* (1981). Tal articulación permite entender el final de la novela de 1967 como una señal de disminución de las expectativas sobre la revolución. Por otra parte, si hacemos hincapié exclusivamente en el contexto de los años 60, *Quarup* puede leerse como un índice la necesaria radicalización política ante el horizonte de acortamiento de las posibilidades de transformaciones democráticas.

Palabras clave: *Literatura; Quarup; Realidad social.*

Introdução

Na obra *Formação da literatura brasileira*, publicada por Antonio Candido em 1959, há uma noção de imensa potência interpretativa acerca da sociedade brasileira. Trata-se da noção de *literatura empenhada*, compreendida como o “desejo de construir uma literatura como prova de que os brasileiros eram tão capazes quanto os europeus” (CANDIDO, 2009, p. 26). Tal empreendimento acentua-se no período posterior à Independência, pois é próprio da literatura empenhada “a expressão de um conteúdo humano, bem significativo dos estados de espírito de uma sociedade que se estruturava em bases modernas” (CANDIDO, 2009, p. 27).

Se aplicarmos o conceito de *literatura empenhada* às obras produzidas no século XX, veremos que a pedra de toque é a *formação brasileira* – tema que percorre as ciências humanas e sociais, sobretudo entre os anos 1930 e 1960². Em linhas gerais, compreende-se por *formação* a transição do velho padrão colonial para o modelo de Estado nacional, ou seja, o processo pelo qual o Brasil, por compreender-se como participante da Modernidade, empenha-se em concretizar este novo estágio, assumindo as consequências sociais, econômicas, políticas e culturais que tal processo implica.

O sentimento geral de constituição de um país efetivo, desamarrado das velhas referências coloniais e oligárquicas, impulsiona a literatura a assumir, tal qual outras áreas da vida cultural, uma função social e histórica. É nesta chave, inclusive, que se compreende melhor o fenômeno do regionalismo. Para além dos traços pitorescos e localistas, trata-se, sobretudo, da busca de um encontro do Brasil consigo mesmo. A fragmentação política das regiões ainda não unificadas reflete-se na literatura – seja em propostas de harmo-

² Como exemplos de obras basilares desse período, temos: *Casa grande e senzala* (1933) de Gilberto Freyre; *Raízes do Brasil* (1936) de Sérgio Buarque de Holanda; *Formação do Brasil contemporâneo* (1942) de Caio Prado Jr.; *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro* (1958) de Raymundo Faoro; *Formação econômica do Brasil* (1959) de Celso Furtado e *Formação da literatura brasileira* (1959) de Antonio Candido.

nização, seja na exacerbação das diferenças – diante do desafio de unidade das partes desconhecidas ou secundarizadas do país. Seguindo as pistas de Antonio Candido (2009), a literatura apareceria como crítica à noção de regionalidade, vinculada ao que se produz nos espaços de menor importância política e econômica do país.

No plano literário, a abertura e o fechamento desse ciclo de consolidação da era republicana – com seu *empenho* em torno da formação nacional – podem ser situados em duas obras: no início, *Os Sertões* (1902) de Euclides da Cunha e, no final, *Quarup* (1967) de Antonio Callado. Entre elas, estão algumas obras que se mostram reveladoras das contradições de um país de passado colonial. Para ficar apenas em alguns exemplos, temos: *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915), de Lima Barreto; *O Quinze* (1930), de Raquel de Queiroz; *Capitães da areia* (1937), de Jorge Amado; *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, entre tantas outras.

O romance *Quarup* situa-se no limiar entre *empenho e memória*, ou seja, ele marca o ponto mais alto da tradição da *literatura empenhada* indicada por Candido e, ao mesmo tempo, abre o período em que a literatura terá de lidar com as marcas da ditadura. Por essa razão, ressoam ainda no romance aspectos próprios do momento anterior, em que a lógica da *formação nacional* reverbera nas obras literárias como antagonismos, marcadamente no período regionalista; ao mesmo tempo, *Quarup* já sinaliza para um contexto em que a formação nacional parece se ter concluído, ainda que de modo problemático. Ou seja, *Quarup* simultaneamente retoma a tradição literária de reflexão sobre as questões estruturais do país – nesse sentido permite entrever diversos projetos em aberto para o Brasil – e aponta para um ciclo novo que se abriu, no qual um tipo específico de projeto modernizador se desenvolveu sem, no entanto, solucionar os problemas sociais latentes no período anterior.

Não é simples, portanto, a leitura de *Quarup*. Não se trata apenas de um romance sobre o engajamento político do intelectual ou o enfrentamento da

ditadura – ele é isso, mas algo mais: uma profunda reflexão sobre o drama de um país que vai tendo, de modo acelerado, suas opções históricas e políticas permanentemente interditas. Uma ambiguidade visível na trajetória do protagonista Nando: engajamento pessoal crescente e expectativa de transformação nacional decrescente. O drama do país agora não é apenas subjacente aos processos, como a literatura anterior apontava, mas escancarado na forma de um regime autoritário que cancela os *projetos em aberto* – visitados pelo protagonista do romance, ao longo de sua trajetória – e restringe o horizonte a apenas duas opções: a aceitação da derrota para a ditadura ou a resistência a ela na única forma que restara, a luta armada.

Nessa ambiguidade entre envolvimento crescente do personagem na luta revolucionária e encurtamento gradativo das possibilidades de transformação, encontra-se, a meu ver, a grandeza do romance. À luz de tal perspectiva, apresentarei, num primeiro momento, a visão geral do romance, da qual pretendo desdobrar, no ponto seguinte, a importância da obra. O terceiro tópico funciona como transição do argumento, no qual estabeleço uma relação entre *Quarup* e outros três romances de Callado que abordam o tema da ditadura. No quarto tópico, detenho-me, propriamente, no objeto deste artigo: a discussão sobre os elementos presentes no romance que auxiliam a compreender a realidade social do país na década de 1960.

Visão geral do romance

Publicado em 1967, *Quarup* acompanha a trajetória de Nando e seu processo de transição entre a batina e a guerrilha. O romance articula ficção com acontecimentos históricos ocorridos no Brasil, no período de 1954 a 1964, e está intimamente ligado ao clima cultural do período pós-golpe, que envolveu literatura, cinema, teatro, música e outras expressões artísticas³. Símbolo

³ Para uma análise ampla sobre esse contexto, ver o ensaio *Cultura e política, 1964-1969*, de Roberto Schwarz (2008); para uma abordagem específica sobre a literatura (FRANCO, 1998, p. 27-69).

de “destemor e perícia”, a obra teria renovado a “literatura participante”, na perspectiva de Antonio Candido (1989, p. 208); ou, nos termos de Roberto Schwarz (2008, p. 110-111), seria o “romance ideologicamente mais representativo para a intelectualidade de esquerda” do seu tempo. Ao mesmo tempo, ela retoma, por meio da narrativa, diversos aspectos da sociedade brasileira e seus problemas estruturais, aos quais, aliás, a literatura havia se dedicado durante décadas.

É significativo, nesse caso, a escolha de *Quarup* como título, visto que, à luz do ritual indígena de memória dos mortos, o passado e o presente estão relacionados⁴. Temas como a origem dos sindicatos de trabalhadores rurais, as ligas camponesas, os movimentos de cultura popular, a alfabetização de adultos pelo método Paulo Freire, entre outros, vão se costurando no desenvolvimento da narrativa. Em termos políticos mais amplos, o romance cobre o período de dez anos que vai do suicídio de Getúlio Vargas, em 1954, aos meses que se seguiram ao golpe de 1964, passando pelos governos de Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart.

O livro é organizado em sete capítulos e a narrativa acompanha a trajetória de Padre Nando, em três lugares referenciais: Pernambuco, Rio de Janeiro e Xingu. O protagonista, inicialmente, está mergulhado em seu espaço místico e prepara-se para sua desejada missão de trabalho com os índios no Xingu. Padre Nando almeja uma espécie de refundação do país, uma república cristã e comunal, baseada na pureza do índio e no papel da Igreja.

É importante nesse momento o contato com Francisca – por quem nutre uma paixão velada – e Levindo, seu namorado, além dos estrangeiros

4 Na adaptação infanto-juvenil das *Histórias do Xingu*, de Carlos e Orlando Villas Boas, há um bom resumo sobre o *quarup* ou *kuarup*, que está associada a Mavustisin, antepassado dos índios do Xingu: “O Kuarup, o ritual dos mortos, talvez o mais importante, é realizado ao longo de um ano inteiro, compreendendo trocas e oferendas complexas baseadas no sistema de parentesco. Outros povos são convidados para o encerramento do Kuarup, que dura vários dias. Há danças, cantos fúnebres, o grandioso final com troncos que representam os mortos e competições entre os povos, como a luta *hukahuka*. É o choro pelos parentes que se vão e ao mesmo tempo um renascimento, uma cerimônia que evoca, a partir de troncos de madeira, a criação da humanidade por Mavustisin” (VILLAS-BÓAS, 2013, p. 8-9).

Leslie e Winifred. O confronto de Nando com os problemas sociais, ainda que pelo filtro institucional da Igreja, demarca o início de seu processo de tomada de consciência das contradições políticas do país. Não menos relevante para Nando é sua iniciação sexual com Winifred.

A passagem pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) no Rio de Janeiro, com vistas a articular a missão no Xingu, coloca Nando diante de duas questões fundamentais em sua formação – ou *deseducação* como tratarei mais adiante. A primeira é o envolvimento da juventude com drogas; a segunda é a gigantesca burocracia em que o SPI está imerso: figuras como o diretor Ramiro, Fontoura, o ministro Gouveia e outros deixam evidentes os interesses e arranjos que, em muito, se distanciam do ideal romântico de Nando acerca dos índios. O próprio SPI está longe de ter como centro de sua organização o “bem dos povos indígenas”.

Na sequência, a trama se desloca para o Xingu, onde os personagens vão presenciar a inauguração do parque e o ritual indígena do *quarup*⁵. Nos dias do ritual, ocorre o suicídio de Vargas, que aproxima o cenário nacional da trama e, conseqüentemente, do protagonista. O episódio é seguido de um avanço de alguns anos, nos quais Nando abandona o sacerdócio e se embrenha na floresta. A esta altura, Levindo já havia sido assassinado, por ocupar um engenho com outros trabalhadores. Organiza-se, então, uma expedição em busca do Centro Geográfico Brasileiro, que reúne grande parte daqueles personagens que antes estiveram no Xingu. Nando e Francisca formam, enfim, o par romântico.

Após esse momento no Centro Geográfico – sugestivamente situado no centro do livro –, a trama se desloca de volta a Pernambuco, acompanhando o

5 Em seu trabalho sobre o romance, Maryson Borges (2008, p. 13) articula outros sentidos para a escolha do ritual como título do romance, propondo que apontaria “para possibilidade de interpretações mais complexas do papel da memória e da reflexão sobre o tempo na trama construída pelo autor”. A relevância deste trabalho se mostra, sobretudo, ao evidenciar o entrecruzamento de diversas temporalidades no romance, lançando mão de autores como Walter Benjamin, o que contribui para uma rica discussão sobre história e memória.

trabalho do casal junto aos trabalhadores das ligas camponesas. Estamos por volta de 1962, momento em que Miguel Arraes é eleito governador do estado, tornando-se, no romance, símbolo do político comprometido com a transformação social. Além das ligas, aparecem figuras importantes do Partido Comunista e outras da Igreja, numa clara alusão à Teologia da Libertação, tendência teórica e política desenvolvida na América Latina, naquele contexto. É nesse momento que o protagonista parece estar, enfim, sintonizado com a realidade brasileira que, por sinal, vivencia um momento de intensa agitação política. Figuras relevantes de camponeses e jangadeiros entram em cena, em especial Manoel Tropeiro. O denso e importante capítulo – não por acaso intitulado *A Palavra* – encerra-se com o golpe de 1964. Fim do sonho de transformação. Nando e outros serão presos e torturados.

Após a libertação de Nando, a narrativa tem uma espécie de interregno, no qual o protagonista vive à beira da praia e seu contato com os mais pobres se dá pelo novo “apostolado”, dedicando-se à arte de amar as mulheres e aconselhar os homens sobre a mesma arte. É um claro processo de afastamento das grandes questões políticas, no qual os diálogos ganham contornos existenciais. Nando não visualiza “nada de reorganizável do ponto de vista político” (CALLADO, 1967, p. 415).

Tal estagnação, signo do primeiro impacto causado pelo golpe de 1964 nos movimentos de esquerda, é interrompida pela visita da amiga Lídia, que provoca Nando a tomar uma decisão: exilar-se do país ou se engajar na luta contra a ditadura – o meio termo lhe parece inaceitável. A isso se soma a ideia que Nando acalentava de realizar uma celebração em memória de Levindo. Estamos no capítulo final em que a trama se direciona para a decisão de Nando: ou ir para o exílio com Francisca ou ficar e lutar – e, nesse caso, aderir à luta armada, na qual Manoel Tropeiro e outros já se haviam envolvido. Após realizar um novo ritual do *quarup*, agora de Levindo, com a presença de jangadeiros, prostitutas e outras pessoas simples, para celebrar a memória do amigo e militante, Nando

é capturado por policiais que o espancam quase até à morte. Por sorte e com a ajuda dos companheiros, ele é resgatado e levado à casa do velho amigo Hosana, onde se recupera. Nando se vê no jogo de forças entre os militares, que impõem silêncio e medo, de um lado, e a necessidade da luta, de outro. Finalmente toma sua decisão e parte para a guerrilha junto com Manoel Tropeiro.

A importância de Quarup

Quarup é seguramente um romance representativo do comprometimento político da literatura, naquele período posterior ao golpe de 1964 e anterior ao Ato Institucional n. 5 (AI-5), decretado em 1968⁶. Sua imensa fortuna crítica, a qual exigiria um estudo exclusivo, denota a importância da obra⁷. Destaco apenas dois momentos exemplares. No calor do lançamento, se evidenciou a entusiástica recepção de Ferreira Gullar, que cunhou a expressão, usada pelo próprio Callado no livro, de ensaio da “deseducação”. Falando sobre a revolução brasileira, Gullar afirma que “a gente acredita mais nela quando surge, diante de nós, um livro como *Quarup*, porque se vê, nele, que a Revolução continua e se aprofunda, que ela ganha carne, densidade, penetra fundo na alma dos homens” (GULLAR, 1967, p. 252, *apud* BORGES, 2008, p. 31).

Esta compreensão sobre o romance tinha em conta uma íntima relação entre a trajetória de Nando e os dilemas do país, em especial da esquerda, naquele contexto. Nesse sentido, “a trajetória de Nando reflet[iria] as transformações vividas pela nação durante sua caminhada histórica e todas as mudanças que

6 Vale destacar, no conjunto dessa “literatura engajada” (BENDER, 2010, p. 3), outras obras como *Senhor Embaixador* de Érico Veríssimo (1965) e *Pessach*: a travessia, de Carlos Heitor Cony (1967). Ambas apresentam figuras de intelectuais – Pablo Ortega e Paulo Simões, respectivamente – que se empenham na luta revolucionária. Seja em uma república fictícia da América Latina, no caso de Veríssimo, seja explicitamente no Brasil, no caso de Cony, está em jogo um imperativo de participação política de escritores e intelectuais do período. Acerca das obras de Cony e Callado, Renato Franco observa a afinidade dos romances com obras não literárias do contexto, sobretudo o filme *Terra em transe* de Glauber Rocha, também de 1967: “Em comum, além da questão do engajamento e da narração da origem da luta armada, um certo modo de conceber a vida cultural como não mais provável diante tanto da modernização da própria produção cultural quanto das imposições repressivas adotadas pelos militares” (FRANCO, 1998, p. 2).

7 Para um panorama sobre a fortuna crítica de *Quarup* ver o trabalho de Maryson Borges (2008, p. 29-43).

Nando vai absorvendo pode[riam] ser lidas como o processo de amadurecimento por que passa[va] a consciência nacional” (BENDER, 2010, p. 22)⁸.

Por outro lado, houve críticas que apontaram uma falta de unidade da obra. Notabilizou-se, nesse caso, a posição de Nelson Werneck Sodré, para quem a “dificuldade de analisar o romance de Antonio Callado está ligada ao fato de que se trata de um livro gordo, abundante, que se multiplica em aspectos menores, que perde em unidade por isso, e não pela extensão em si”; ou seja, “[p]odado, reduzido, teria resultado, sem dúvida mais forte, mais denso” (SODRÉ, 1967, p. 224, *apud* BORGES, 2008, p. 31).

Num segundo momento, mais distanciado da conjuntura política em que foi publicado o romance, tornou-se importante a crítica de Lígia Chiappini, estudiosa da obra de Antonio Callado. Para a autora, já em *Quarup*, mas principalmente em obras posteriores, está presente uma ambiguidade, uma “tensão entre a linearidade e a fragmentação, a narrativa épica [...] e a narrativa-mosaico” (LEITE, 1983, p. 149, *apud* BORGES, 2008, p. 32).

De *Quarup* a *Sempreviva* (CALLADO, 1982), passando por *Bar Don Juan* (CALLADO, 1971) e *Reflexos do baile* (CALLADO, 1976) – para ficar somente com os romances do autor sobre a ditadura –, haverá a transição de uma maior expectativa de transformação política, presente na obra de 1967, para um tom pessimista e desiludido ou, dito de outra forma, a passagem da euforia revolucionária para aquilo que Ana Paula Kaimoti (2007, p. 39) chamou de “encaminhamento disfórico” dado pelos outros romances.

A quadrilogia de Callado sobre a ditadura

Foge aos propósitos deste trabalho abordar os quatro romances com mais vagar. Limito-me aqui a um breve resumo do enredo que organiza cada um

8 Como lembra a autora, o ritual do *quarup* pode mesmo ser visto como passagem do Padre Nando para o Nando comprometido, um ritual que “inclui a ‘morte’ daquele padre inativo e desligado dos problemas da sua comunidade para o surgimento do ativista que pegará em armas para defender seu projeto de revolucionar o país” (BENDER, 2010, p. 13).

para, na sequência, retomar a discussão sobre *Quarup*. Começo por *Bar Don Juan*. Embora publicado em 1971, a história se passa no período de 1966 a 1967. O livro está estruturado em três partes, cada uma iniciada com epígrafe retirada da obra *Era da ansiedade*, do poeta Wystan Hugh Auden. Além de servir de provável inspiração ao título do romance, essas epígrafes sinalizam aspectos marcantes na trama, como o terror, a desilusão, a interrupção de processo e o cansaço. A abordagem de inúmeros personagens se concentra na constituição de um grupo que organizava a guerrilha no Mato Grosso, liderado por João, professor e escritor, que forma um casal com Laurinha.

A série de personagens de variadas origens, incluindo a participação de Ernesto Guevara, compõe uma trama em que predomina o aspecto sonhador e festivo da esquerda que, ironicamente, se prepara para a guerrilha em um bar. O gesto de uma das personagens, que pede férias na repartição onde trabalha para seguir para Mato Grosso – como se a revolução pudesse se dar sem interromper o curso normal da vida –, é sintomático do despreparo dos personagens. O choque entre o ambiente boêmio e a gravidade do momento histórico dá um tom acentuado de desilusão com os projetos de luta armada. O desfecho do romance caminha para o inevitável fracasso, embora sinalize, de algum modo, para a necessidade de rearticulação da resistência à ditadura. A crítica, especialmente de setores da esquerda, verá no romance uma espécie de anticlímax de *Quarup*, cujo final acenava para uma expectativa nada festiva de resistência armada.

Em *Reflexos do baile*, Callado (1976) desenvolve a trama em torno da resistência armada, narrando o sequestro de um embaixador americano, Jack Clay, claramente inspirado em ações desse tipo, em especial a que envolveu o norte-americano Charles Burke Elbrick, em ação realizada por militantes do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR8) e da Ação Libertadora Nacional (ALN) em 1969. De caráter fragmentado e organizado com cartas, bilhetes e documentos diversos, o romance apresenta inúmeras vozes narrativas. As três

partes da obra – “A véspera”, “A noite sem trevas” e “O dia da Ressaca” – exigem do leitor um esforço de montagem.

Entre os personagens se destacam o casal Beto e Juliana e o Capitão Roberto, inspirado em Lamarca. Temas como inexperiência e amadorismo são recorrentes na narrativa. Além dos revolucionários, são abordados também personagens ligados a embaixadores, bem como policiais e torturadores. O plano é desarticulado e se expressa, assim, a violência dos aparatos de segurança. O fracasso leva à desilusão e resta, ao fim do romance, a constatação de ausência de preparo da esquerda para enfrentar o Estado repressivo.

Sempreviva, último romance de Callado (1981) sobre a temática da ditadura, também se organiza em três partes – “Retorno à chácara materna”, “O dia da caça” e “A deusa arrumadeira”. Escrito em tempos de distensão da ditadura, o livro acompanha a história de Quinho, ex-guerrilheiro e exilado político, que parte para uma ação individual, disfarçado de membro de uma organização internacional de proteção ambiental. A suposta reportagem sobre fazendas do Pantanal – que na verdade tem como objetivo encontrar os corpos de pessoas desaparecidas pela repressão – esbarra com a figura do caçador e criador de onças Antero Varjão, inspirado em Sérgio Fleury.

A analogia entre onças torturadas e abatidas com os porões da ditadura é um aspecto marcante do romance, assim como a punição simbólica dos torturadores, mesmo que urgida numa história de vingança. O real e o mítico, o lógico e o simbólico se articulam na trama, evidenciando que a amada Lucinda continua viva, ainda que na memória de Quinho, assim como, de forma análoga, continuam presentes as marcas da ditadura na sociedade em fase de aparente redemocratização.

Esse bosquejo sobre a quadrilogia parece suficiente para evidenciar um aspecto fundamental: a maior unidade presente em *Quarup* cede, aos poucos, lugar à fragmentação das narrativas. Esse elemento estético se vincula inti-

mamente ao processo histórico: “É a desconfiança minando as certezas na vitória da revolução” (LEITE, 1983, p. 146, *apud* BORGES, 2008, p. 33). O diagnóstico de Lígia Chiappini Leite é importante porque avança em relação à primeira abordagem do romance – muito marcada pelo seu apelo histórico – e destaca seu elemento formal⁹. É com base nesse enfoque que pretendo apontar dois elementos, apoiado em estudos mais recentes sobre o livro: a ênfase na forma literária e a articulação entre *Quarup* e os outros três romances de Callado, o que confere ainda maior grandeza ao romance de 1967.

Forma literária e realidade social em Quarup

Em artigo que busca captar a relação entre interpretação nacional e forma literária em *Quarup*, Pedro Dolabela Chagas (2017) identifica três aspectos presentes no romance, que contribuem para seu entendimento. Quanto à estética, a obra se mostra indissociável da complexidade mesma da sociedade brasileira naquele momento histórico, em que as interpretações calcadas em perspectiva de longa duração, típicas do momento anterior, ficcionais ou não ficcionais, não conseguiam mais abarcar o conjunto de fatores de um tempo acelerado. Já a variedade de temas, personagens e locais, bem como a mobilidade permanente do protagonista são indícios de que Callado teria buscado, nos termos de Lígia Chiappini, “adequar o estilo à matéria multiforme com que trabalhou” (LEITE, 1994, p. 102).

A propósito da extensão do romance, Chagas (2017, p. 7) observa que não se trata de algo ocasional e sim de uma exigência daqueles tempos, que convocavam os escritores a produzir obras “longas mergulhadas na história, com

9 Sigo aqui a posição de Maryson Borges (2008, p. 22), para quem “o afastamento paulatino das questões de ordem contextual, à medida que afrouxa a dependência das relações entre a ação narrativa e o tempo histórico do autor, faz emergir interpretações de *Quarup* de caráter mais estético, valorizadoras dos recursos artísticos empregados no arranjo literário”.

enredos complexos e um quadro humano variado e denso”¹⁰. Passo, brevemente, aos aspectos por ele destacados: o recurso ao gênero “romance de formação”, o dialogismo ininterrupto de agentes heterogêneos e o amplo giro pelo território nacional.

O primeiro aspecto resulta da adaptação pelo autor da referência moderna dos romances de formação (*Bildungsroman*). Um pouco mais precisa que a ideia de “deseducação”, proposta por Ferreira Gullar na primeira recepção do romance, a de *Bildung* aplicada ao caso de Nando indica, em termos gerais, sua passagem de uma condição inicial de alheamento quanto aos problemas sociais do Brasil para uma condição final de total engajamento na transformação do país.

Essa chave permitiria uma compreensão mais arguta da presença de inúmeros agentes presentes na trama, com maior ou menor grau de compreensão da situação política do país, e de seu envolvimento com ela. É como se o protagonista, por um longo e penoso processo, fosse compassando sua percepção, por exemplo, com a de Levindo, a ponto de assumir seu nome, ao partir para a guerrilha. Portanto, mais que uma estabilização ao final do romance, como no modelo de *Bildungsroman*, o que se tem é a adequação do sujeito às exigências de seu tempo¹¹.

Note-se, porém, que a forma revela lacunas no processo: é apenas na última cena que Nando se engaja, após inúmeras oscilações. Não temos um *herói* convicto e resoluto, mas sim um protagonista que tem suas escolhas reduzidas. Ao se inserir totalmente na luta armada, ele não tem a certeza de que ela resultará na mudança da sociedade. O engajamento na guerrilha é, em

10 Outros romances de características parecidas elencadas pelo autor são: *Incidente em Antares*, de Érico Veríssimo (1971); *Romance d'A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna (1971) e *Zero*, de Inácio de Loyola Brandão (1974).

11 Refiro-me ao modelo de *Bildungsroman* no seu sentido tradicional, como pode ser visto nos clássicos *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe, e *Orgulho e preconceito*, de Jane Austen, como enfatiza Franco Moretti (2020). No entanto, seguindo as pistas do mesmo autor, é possível estender o sentido de “romance de formação” para além da leitura estrita do enredo, buscando a relação dos personagens com seu contexto histórico e político. É nesse sentido que julgo pertinente a relação feita por Chagas (2017) entre *Quarup* e os romances de formação.

última instância, resultado “do bloqueio das alternativas disponíveis” (CHAGAS, 2017, p. 11). A adoção de moldes de um gênero que promove, ao final, a conciliação do herói, teria permitido a Callado evidenciar exatamente o oposto: a impossibilidade de conciliação do protagonista, decorrente da correlata impossibilidade expressa na conjuntura política em que o romance se insere.

O segundo aspecto está articulado com o anterior: o dialogismo frenético de agentes diversos. Todo o romance é permeado por intensos diálogos, numa “longa sequência de discussões intelectualizadas sobre temas diversos”, a ponto de a fisicalidade dos personagens e a descrição da paisagem social ficarem muitas vezes em segundo plano (CHAGAS, 2017, p. 14). Este contato com variadas formas de pensar a realidade será componente indispensável na *formação* de Nando.

Dom Anselmo está preocupado com o comunismo e, mais ainda, com a instituição religiosa; para os holandeses Leslie e Winifred, o país é uma república de estudantes; Ramiro é antiamericanista, mas despreza o Xingu, pois seu modelo é a França; Otávio, comunista, compreende o Xingu pela chave do nacionalismo; Fontoura está em busca de uma preservação dos índios em sua condição originária, avesso à modernização simbolizada no novo parque nacional; Falua é o jornalista influente que conhece os bastidores do poder, mas com visão carnavalesca do país; Gouveia está mais preocupado em seduzir Sônia, namorada de Falua; Vilar é o explorador do Xingu e adepto do desenvolvimentismo etc. Uma miríade de discursos e opiniões sobre o país e seus rumos, contraditórias, mas aparentemente de igual importância porque convivem na trama sem hierarquização precisa.

A presença de visões tão díspares parece indicar, como recorda Pedro Chagas, que a chave do antagonismo simplificado entre o atrasado e o moderno, o urbano e o rural já não serve mais, como era comum na *literatura empenhada* da primeira metade do século XX. O novo momento exige nova chave, pois estamos já em um processo de acelerada modernização – sem, no entanto,

superar os elementos arcaicos. Essa articulação entre o *velho* e o *novo* da sociedade se evidencia no convívio de posições tão discrepantes, no interior da narrativa.

Portanto, a relevância dos discursos não é pequena. Eles indicam a complexidade do país – em especial naqueles anos que se seguem a 1954 – e vão lançando versões variadas sobre problemas e soluções para a nação. Os discursos explicam pela “microscopia das condições individuais de vida” dos personagens a “macroscopia da construção histórica do país”, a ponto de, como se fosse preparando o leitor ao longo da trama, mostrar-lhe algo importante: “o golpe de 1964 aparece menos como corte abrupto, do que como consequência de estruturas e processos de longo curso” (CHAGAS, 2017, p. 15).

O terceiro aspecto – o amplo giro pelo território nacional – costura os encontros de Nando, a variedade de discursos e práticas, e seu processo formativo. Sua situação inicial em Pernambuco é toda marcada pelo ideal jesuítico de catequizar os índios, refundar um país a partir do Xingu etc. É uma imagem tipicamente idealizada do protagonista que acredita ser essa a missão que “o uniria a si mesmo” (CALLADO, 1967, p. 4).

Nas primeiras tentativas de conhecer o mundo externo ao convento, Nando se deparará com conflitos de terra, organização dos trabalhadores que viriam a fundar as ligas camponesas e, de modo especial, o contato com o ativismo de Levindo. A visita ao engenho de açúcar com os repórteres estrangeiros Leslie e Winifred é marco importante, porque abala o castelo idealizado de Nando, o de um mundo ordenado e puro, uma vez que impera a violência e o arbítrio, e a religião pouco tem a contribuir. No contato com os trabalhadores, aprende que no Brasil “a violência é do sistema inteiro” (CALLADO, 1967, p. 31), portanto, para mudá-lo, “só mesmo uma revolução” (CALLADO, 1967, p. 132).

A ida ao Rio de Janeiro lança o protagonista em outra realidade, urbana e boêmia. Ao tempo em que “começa a se desterritorializar” também dá os pri-

meiros passos para “formar sua consciência política” (CHAGAS, 2017, p. 18). Nando toma contato com militantes de esquerda e, também, com a burocracia do SPI, no qual não estão ausentes as práticas pouco republicanas, como arranjo de emprego para parentes, entre outras.

Já no Xingu o contato de Nando com Fontoura se aprofunda e o debate sobre o papel do Estado ganha relevância. Seriam os parques um avanço ou “simples arapucas para extermínio de índios”? – problematizará o chefe do Posto do Xingu (CALLADO, 1967, p. 129). Um longo debate das ciências humanas e sociais ao longo do século XX no Brasil está contido na conversa de Nando e Fontoura: qual é o papel do Estado? Porém, a narrativa não alivia porque não gera consenso; ao contrário, ressalta o dissenso. Aliás, como recorda Mires Bender (2010), é significativo que Callado transponha para o ambiente do *mundo primitivo* o debate sobre o *país civilizado*. A narrativa chama para o interior do romance a tensa “união entre o arcaico e o moderno” que ainda se mostram no país, não obstante o otimismo de setores desenvolvimentistas; ou seja, na “expressão literária empenhada temos a narrativa oferecendo a dimensão histórica e formativa e assumindo a consciência política da sociedade” (BENDER, 2010, p. 20).

Seguem-se os deslocamentos de Nando: a Pernambuco, onde saberá do assassinato de Levindo; de volta ao Xingu; depois na expedição ao Centro Geográfico do Brasil, com a emblemática cena das saúvas que tomaram conta do terreno. Esta passagem é uma clara referência ao comprometimento total do projeto de formação nacional, momento em que sequer a bandeira poderá ser hasteada, como recorda Mires Bender (2010, p.14), primeiro porque o solo não permitia, segundo, “se o terreno oferecesse sustentação para hasteá-la, ainda não se realizaria este objetivo, pois ela fora esquecida”¹².

Por fim, de volta a Pernambuco Nando se depara com o trabalho de Francisca junto aos camponeses. É quando a narrativa deixa transparecer que ali se en-

12 A imagem da saúva não é gratuita, visto que está presente na literatura brasileira como símbolo de abandono do Estado ou miséria em nos exemplos de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto (1915), e *Macunaima*, de Mário de Andrade (1928).

saiava talvez o mais importante processo de mudança social, porque calcado na conscientização e na força da educação popular¹³. No entanto, sobrevém o golpe, a prisão e a tortura. Há um intervalo de aparente estabilidade do protagonista na praia da Boa Viagem, em Recife. Em pouco tempo, a trama se acelera novamente nas páginas finais e se encerra exatamente em novo deslocamento: agora para o sertão, onde Nando se juntará à luta armada.

A esses três aspectos que Pedro Chagas visualiza na forma literária de *Quarup* – recurso ao gênero de “romance de formação”, dialogismo ininterrupto de agentes heterogêneos e amplo giro pelo território nacional – acrescento um quarto: o movimento de expectativa decrescente. Ele se dá em dois planos que igualmente se afunilam: em primeiro lugar, do horizonte místico-religioso do padre Nando para um horizonte histórico concreto. Nesse caso, o agora ex-padre Nando tem, ao final, os pés no chão: a transformação é histórica e localizada. Sua experiência com Francisca na alfabetização se configura no sinal mais evidente de que uma grande transformação se materializa na organização dos trabalhadores, o que expressa vivamente por duas vezes: primeiro à personagem Lídia, “Eu vejo que vem vindo, vem vindo, vem vindo” (CALLADO, 1967, p. 328-329), e depois a Francisca, “Será possível, Francisca. Vem vindo, vem vindo – disse Nando – esse mundo vem vindo” (CALLADO, 1967, p. 355). Em segundo lugar, há uma transição da ideia de nação refundada – notadamente com traços místicos – para uma luta pontual, restrita e limitada: a adesão à guerrilha no lombo de um cavalo rumo ao sertão: “Estava *descontínuo*, leve, vivendo de minuto a minuto” (CALLADO, 1967, p. 495, grifo meu).

Seja no plano místico-religioso, que aos poucos se dissolve, ou no plano do engajamento político do protagonista, um curioso movimento antagônico se apresenta: quanto mais Nando se conscientiza e se compromete, menores são as possibilidades de transformação do país. Essa forma narrativa me parece

13 Em 1964, Antonio Callado publicara extensa reportagem sobre esse processo intitulada “Tempo de Arraes – a revolução sem violência”.

crucial, não só porque justifica a grande quantidade de páginas necessárias para revelar um processo tão ambíguo, mas principalmente porque sinaliza algo que, embora presente na forma literária de *Quarup*, somente com a distância no tempo se pode enxergar com maior nitidez: o romance, no calor da hora, compreendido por muitos leitores quase exclusivamente como um elogio ao engajamento político e à luta revolucionária, carrega *também* um diagnóstico de fechamento e impossibilidade que a conjuntura já revelava. Em outros termos, se o romance é um ponto alto da tradição da *literatura empenhada*, ao mesmo tempo evidencia, com tratamento estético primoroso, que o *novo*, no país, costuma vir permeado do *velho*; o golpe é, a um tempo, um ciclo novo que se abre, porém, exacerbando a violência, o autoritarismo e a não solução dos problemas estruturais advindos do período histórico anterior.

Este quarto aspecto me permite sugerir que *Quarup*, passadas mais de cinco décadas de sua publicação, deva ser lido em conjunto com os outros três romances de Antonio Callado sobre a ditadura: *Bar Don Juan*, *Sempreviva* e *Reflexos do baile*. Em recente trabalho, Cláudia Cruz (2017) propõe uma interessante análise dos romances de Callado acerca da ditadura, lançando mão do referencial metodológico de Reinhart Koselleck, que analisa o tempo histórico na articulação das categorias de espaço de experiência e horizonte de expectativa¹⁴. Isso possibilita à autora analisar a forma pela qual as obras de Callado vão sendo lidas e recebidas em cada contexto e, assim, o passado (como experiência) e o futuro (como expectativa) vão se reconstruindo na trama, da mesma forma que a conjuntura política também se altera nos nove anos que separam os quatro romances¹⁵.

Nesse caso, as demais obras da quadrilogia de Callado não apenas sinalizam – já que estão intimamente ligadas ao contexto histórico – um processo de declínio

14 De acordo com o historiador, “não há expectativa sem experiência, não há experiência sem expectativa”, ou seja, “experiência e expectativa são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois elas entrelaçam o passado e o futuro. São adequadas também para se tentar descobrir o tempo histórico, pois, enriquecidas em seu conteúdo, elas dirigem as ações concretas no movimento social e político” (KOSELLECK, 2006, p. 307-308).

15 Na proposta da autora, a cronologia é quebrada e se subordina à temática: *Quarup* de 1967 se articula com *Reflexos do baile* de 1976; enquanto *Bar Don Juan* de 1971 se aproxima de *Sempreviva* de 1981. Nos dois primeiros, predominam as “imagens da luta e derrota”; nos outros, as “imagens do despreparo e da desilusão”, conforme Cruz (2017, p. 66-163).

da esperança na revolução, aspecto que Lígia Chiappini bem apontou; mas, a meu ver, reforçam a importância de *Quarup*. Como em um movimento de refletores no teatro em que um personagem que já encerrou sua fala recebe novamente o foco de luz, depois de transcorridas outras cenas, ao lermos os demais romances de Callado, somos instados a retornar à obra de 1967 e nos surpreendemos ao observar como ela já fora capaz de condensar tamanha riqueza narrativa e, em certa medida, antecipar frustrações e desilusões que os outros romances iriam tematizar. Aspectos estes que exigiram um árduo trabalho de compreensão por parte da esquerda brasileira nos anos seguintes. Como recorda Cláudia Cruz (2017, p. 8), “as obras de Callado são portadoras da desilusão, da ironia e da angústia, pois carregam em sua trama o ‘prognóstico’ do fracasso da luta armada e as incertezas da democracia que estava por vir”.

Evidentemente não estamos diante de um autor visionário e mediúnico. Ao contrário, é por estar profundamente atento a todas as contradições de seu tempo e não apenas sensível ao engajamento político de intelectuais ou organizações, que Callado foi capaz de refletir esteticamente o antagonismo maior daqueles anos entre o golpe e o AI-5: embora não houvesse outra coisa sensata a fazer a não ser enfrentar a ditadura, fato é que o horizonte praticamente já havia se fechado. O excesso de realismo levaria muitos ao desânimo e à aceitação da derrota; o excesso de esperança levaria outros tantos, engajados em grupos ou movimentos, a ações que, embora nobres e valorosas, mostraram-se inviáveis. Não cabia à literatura apontar um programa político ideal, mas sim refletir a imensa complexidade da conjuntura. E isso *Quarup* conseguiu realizar de modo consistente.

Considerações finais

A complexidade de *Quarup* não autoriza qualquer forma de simplificação interpretativa. Sua leitura e releitura permanecem abertas, mesmo com o pas-

sar das décadas. É o que lembra Lígia Chiappini Leite acerca da pertinência do romance para os leitores da década de 1990, tanto quanto para os dos anos 1960. Tal façanha, segundo a autora, deve-se ao fato de que o romance “é um livro profundamente histórico e profundamente artístico, desmentindo os preconceitos que frequentemente levam a crítica a opor o histórico ao estético” (LEITE, 1994, p. 99). O mesmo pode ser dito aos leitores dos anos 2021.

Desse modo, proponho, à guisa de conclusão, uma das muitas possibilidades de leitura de *Quarup*, a saber, a relação entre a *formação do protagonista* e o contexto político dos anos 1954-1968. A trajetória de um personagem complexo, amplamente explorada, só tivera tamanho alcance, uma década antes, no romance *Grande Sertão: Veredas* (1956), de Guimarães Rosa. Porém, o percurso de Nando é mais sugestivo que o de Riobaldo para se refletir sobre os desafios do país de então, visto que o romance de Callado, distinto do de Rosa, está total e explicitamente associado a fatos históricos e políticos de relevância nacional¹⁶.

Como visto, a *formação* do protagonista de *Quarup* se articula a um amplo giro pelo território nacional, em diálogo com diversas interpretações sobre o país. A estas contribuições de Pedro Chagas, propus associar o movimento de expectativa decrescente a que se submete Nando, seja na passagem do plano místico-religioso ao histórico, seja da redução da grande transformação social à guerrilha situada no sertão de Goiás.

Esse conjunto de aspectos presentes na forma literária do romance indica uma íntima associação do percurso de Nando com o do Brasil naqueles dez anos de narrativa e, por que não, também no período que vai até 1966 e 1967, quando se encerra e é publicada a obra. Esse contexto de “transformação

16 A propósito da comparação entre *Quarup* e *Grande Sertão: Veredas* (GSV), vale recordar a consideração feita por Renato Franco em aula magna intitulada “Cultura e política na ditadura militar” no curso de Filosofia da UFLA, em 26/05/2015. Para ele, a contingência de ter sido lançado dez anos após a obra de Guimarães Rosa, que teve enorme repercussão, sem dúvida inviabilizou ou pelo menos diminuiu a recepção de *Quarup* como romance importante da literatura brasileira, tendo ficado, em certa medida, à sombra de GSV. Para Franco, *Quarup* é uma obra que ainda merece maior atenção e estudo. A aula está disponível integralmente no canal UFLA CEAD da plataforma *Youtube*.

acelerada”, a que se referiu Marcelo Ridenti (2005, p. 87), costura-se ao percurso do protagonista e indica a passagem de um sentimento de possibilidade de formação nacional efetiva, simbolizada, sobretudo no segundo Governo Vargas, a uma situação de fechamento quase total nos primeiros anos da ditadura. Também Nando, de forma correlata, passa por constantes frustrações acerca do sonho de um país transformado.

A retomada do centro do país ou da matriz indígena originária encontra seu limite na impactante cena do formigueiro; o processo profundo de conscientização de trabalhadores pela educação é inviabilizado pelos militares. Os propósitos de um governo democrático, sensível à miséria e representante dos trabalhadores – simbolizado por Miguel Arraes – mostram-se frágeis diante da engrenagem política e econômica na qual se insere o país. A arte da palavra que Nando, por formação, tão bem domina, igualmente se esvazia: “Só areando todas as palavras de novo. Esfregando. Até reluzirem outra vez” (CALLADO, 1967, p. 416). Por fim, nem mesmo a celebração da memória – um *quarup* – dos que tombaram na luta pelos direitos do povo, de que a figura de Levindo é ícone, torna-se possível, pois, como bem lembra Manoel Tropeiro, “até para se lembrar agora a gente pede permissão” (CALLADO, 1967, p. 433).

A opção de Nando pela luta armada se parece com uma escolha que parte da situação concreta, e também indica a falta de opção naquele cenário – era render-se ou lutar. Como recorda Pedro Chagas (2017), não há otimismo na cena final. Por mais que esteja lá o sinal de engajamento na adoção do nome de Levindo e na adesão ao grupo de Manoel Tropeiro, é notória a ambiguidade: Nando se incorpora à luta armada decididamente, ao mesmo tempo em que é levado a esta decisão pelas circunstâncias. De um lado, as alternativas de mudança estrutural do país, em termos históricos; de outro, os grandes projetos acalentados pelo protagonista, em termos estéticos: em ambos os casos, impossibilidade, redução de horizontes.

A convivência de posições tão variadas, ao longo da narrativa de *Quarup* – da preservação das raízes indígenas à defesa do comunismo, do desenvolvimen-

tismo à desconfiança do Estado etc. –, funciona como índice de vias possíveis, umas mais e outras menos, certamente, ou pelo menos hipotéticas, no contexto da virada da década de 1950 para a de 1960. No entanto, ao final, as inúmeras vozes se calam e são obrigadas a lutar com o inimigo comum: a ditadura. O que antes era condição possível, agora é passado na narrativa, deixando patente que “a revolução popular era incompatível com o nacionalismo e o desenvolvimentismo da burguesia” (LEITE, 1994, p. 99).

Nesse sentido, não é irrelevante o fato de que Nando olhe para frente desapegado do passado, o que Renato Franco chamou de *sentimento de ruptura*. Se em princípio esse sentimento aponta para algo positivo, pois o personagem está livre e desamarrado, por outro lado, expressa também, naquele contexto, “doloridos dilaceramentos que seriam provocados e traduziria, na maior parte das vezes, uma crescente dificuldade social de lidarmos com a história”, o que talvez fosse índice do “início de um tempo em que a história seria desprovida de sentido” (FRANCO, 1998, p. 53).

Como intui o autor no mesmo trabalho, não é por acaso que os romances produzidos na década seguinte sobre a temática da ditadura darão sinais evidentes desta perda – em que muitos narradores terão dificuldades de narrar toda a história –, de tal modo que mesmo a memória se torna difícil de ser reconstituída, como é o caso de *Quatro-olhos* (1976), de Renato Pompeu e de *Em câmera lenta* (1977), de Renato Tapajós. O caso do romance de Pompeu é ainda mais emblemático porque o ofício do escritor fica comprometido – e, com ele, também a própria literatura. Com efeito, “[f]ormas literárias *revelam* as formas sociais” (CHAGAS, 2017, p. 8).

Não há otimismo no final de *Quarup*, é certo. Porém, isso não significa que não haja esperança ou, melhor, espírito revolucionário. Nesse sentido, é preciso ressalvas ao se situar o romance de 1967 na quadrilogia de Antonio Callado sobre a ditadura, como *propus*. À luz da década de 1970 e seguintes, o final de *Quarup* é, de fato, sinal de limitação do horizonte, uma diminuição da pers-

pectiva transformadora, o que as demais obras do autor viriam a corroborar, em sintonia com o andamento do regime. Porém, se nos restringirmos ao contexto dos anos 1960, o ingresso de Nando na luta armada poderia ser lido como radicalização. Foi esta, por sinal, a leitura predominante no contexto de sua publicação. Estamos aqui no fio da navalha. Ao voltarmos ao passado, sempre o fazemos com os pés no presente. Porém, a avaliação de uma obra literária da estatura de *Quarup* exige, por outro lado, o cuidado de evitar uma leitura meramente *ex-post facto*.

Se recuarmos algumas páginas antes do final do romance, veremos Nando em condições de reflexão tranquila em seu retiro praieiro. Em conversa com os jangadeiros Bonifácio e Severino visualiza dois caminhos possíveis: “Vocês precisam recomeçar com prudência – disse Nando. Mas se quiserem, o Manuel Tropeiro está ajuntando gente no sertão” (CALLADO, 1967, p. 435). No primeiro caso, “recomeçar com prudência”, no segundo, engajar-se na guerrilha. Sem querer entrar aqui no espinhoso tema da luta armada e suas contradições, parece-me que o andamento da história pós-AI-5 induz a compreender a advertência de Nando como alerta: a luta armada resultará em endurecimento repressivo, portanto, melhor “recomeçar”. Ocorre que um romance de 1967 ainda se insere em um horizonte, reduzido que seja, de expectativa real de mudança. Prudência como? Se camaradas são torturados, se a miséria grassa no campo, se jovens desaparecem e são mortos? Recomeçar significaria uma aposta na democracia? Uma defesa conceitual em tempos de luta efetiva? Caberia, então, retomar o lugar da *palavra*, naquilo que foi a experiência de alfabetização junto aos trabalhadores das ligas camponesas?

A leitura sobre a experiência da luta armada após a derrota das forças revolucionárias carrega, inegavelmente, o sentimento de frustração. Será este um ponto sensível de toda a literatura de memória da ditadura. O que, no exemplo do romance em questão, poderia induzir a uma conclusão sobre Nando nos seguintes termos: ele deveria ter percebido que a luta armada não daria

certo. Um anacronismo totalmente avesso a uma leitura crítica do romance, posto que a futura derrota não estava posta como cenário único naquele ano de 1967, quando *Quarup* é publicado. Era apenas uma das possibilidades abertas. E se a luta armada tivesse resultado em uma revolução popular de grande amplitude? O romance de Callado seria lido em outra chave? Não seria, talvez, obra referencial de resistência e luta? Os demais livros da quadriplógia não retratariam a redução e sim a ampliação de expectativas? Jamais o saberemos.

Tudo isso só faz crescer a importância de *Quarup*. Cinco décadas e meia depois, guardadas as diferenças conjunturais, cá estamos envolvidos em um dilema parecido. Nando continua a nos dizer: “Vocês precisam recomeçar com prudência [...]. Mas se quiserem, o Manuel Tropeiro está ajuntando gente no sertão” (CALLADO, 1967, p. 435). Em outros termos: ou bem reforçamos as estruturas democráticas e o papel das instituições ou radicalizamos a luta contra as forças dominantes de hoje. Estas dão sinais, mais que evidentes, de descompromisso com preceitos como justiça social, igualdade, proteção social dos cidadãos etc. E, o mais estarrecedor, fazem-no invariavelmente em defesa da democracia e da liberdade.

A leitura apressada de uma obra complexa como *Quarup* associada a uma aplicação direta em outro contexto levaria a uma conclusão questionável: precisamos ter paciência, apostar na força da *palavra*, lutar pelo Estado democrático de direito. Uma leitura mais atenta, articulada a uma mediação prudente com os tempos atuais, pode nos fazer pensar com mais acuidade: o que seria, hoje, o correlato da radicalização de Nando? Ou, em termos mais simples: e se nos cansássemos de esperar que pleitos eleitorais nos salvem do abismo e nos embrenhássemos de forma radical na luta por um país minimamente decente?

Quando o empenho de décadas em prol de um país democrático e justo dá sinais de exaustão e as forças político-econômicas parecem ignorar o sofrimento, a fome, o desemprego de milhões de brasileiros, é aconselhável nos

perguntarmos: o que é mais equivocador? A paciência ou a indignação? Tempos de voltar a ler *Quarup*.

Referências

BENDER, Mires Batista. *Quarup: uma alegoria do Brasil. Tabuleiro de Letras*, Salvador, v. 3, n. 1, p. 1-22, 2010. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/139>. Acesso em: 10 jan. 2022.

BORGES, Maryson José Siqueira. *As configurações intensivas do tempo e a concepção crítica de história e memória em Quarup, de Antonio Callado*. 2008. Tese. (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Zero*. 7. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1980 [1974].

CALLADO, Antonio. *Bar Don Juan*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982 [1971].

CALLADO, Antonio. *Quarup*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

CALLADO, Antonio. *Reflexos do baile*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002 [1976].

CALLADO, Antonio. *Sempre viva*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CANDIDO, Antonio. A nova narrativa. In: CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 1750-1880*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009 [1959].

CHAGAS, Pedro Ramos Dolabela. Interpretação nacional e forma literária em *Quarup*, de Antonio Callado. *Sóciopoética*, Campina Grande, v. 1, n. 18, p. 4-30, 2017. Disponível em: <http://arquivo.revista.uepb.edu.br/index.php/REVISOCIOPOETICA/article/view/3749/2172>. Acesso em: 18 ago. 2021.

CRUZ, Cláudia Helena da. *Imagens da luta e da resistência na literatura de Antonio Callado*: Quarup (1967), Bar Don Juan (1971), Reflexos do baile (1976) e Sempreviva (1981). 2017. Tese. (Doutorado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Editora Três, 1984 [1902].

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: Globo; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975 [1958].

FRANCO, Renato Bueno. *Itinerário político do romance pós-64: a festa*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 52. ed. comemorativa. São Paulo: Global, 2013 [1933].

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995 [1936].

KAIMOTI, Ana Paula Macedo Cartapatti. *Ossos e espelhos mortos: uma leitura de Reflexos do baile e Esqueleto na lagoa verde, de Antonio Callado*. 2007. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade Estadual Paulista, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/106320>. Acesso: 10 jan. 2022.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução: Wilma Patrícia Maas; Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio; Contraponto, 2006.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. Nem lero nem clero: historicidade e atualidade em *Quarup* de Antonio Callado. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, São Paulo, n. 2, p. 97-108, 1994. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/23/24>. Acesso em: 12 jan. 2022.

MORETTI, Franco. *O romance de formação*. Tradução: Natasha Belfort Palmeira. São Paulo: Todavia, 2020.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1963 [1942].

RIDENTI, Marcelo. Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960. *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 81-110, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pts/a/f4Ztm8ZzQsWhgywLyjWNWJq/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 jan. 2022.

SCHWARZ, Roberto. Cultura e política, 1964-1969. In: SCHWARZ, Roberto. *O pai de família e outros escritos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 70-111.

SUASSUNA, A. *Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue vai-evolta*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

VERÍSSIMO, Érico. *Incidente em Antares*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004 [1971].

VILLAS-BÔAS, Cláudio; VILLAS-BÔAS, Orlando. *Histórias do Xingu*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2013.

Recebido em: 16 de junho de 2021
Aprovado em: 26 de dezembro de 2021